

China Sessions: 30 anos da CPLP e as relações com a China

Testemunho – Luís Filipe Pestana

Este ano celebram-se os 30 anos da fundação da CPLP, um marco digno de destaque e que demonstra como a língua pode ser um elo fundamental entre as nações. As relações entre os Estados de língua oficial portuguesa nascem, de circunstâncias históricas associadas à expansão marítima de Portugal. Apesar da complexidade do passado partilhado por estes países, é com olhos postos no futuro que a CPLP fomenta a cooperação económica, social e cultural entre os seus membros, havendo espaço para que essa parceria se adense nas áreas da defesa e do empreendedorismo.

Uma organização que, na óptica do Professor Adriano Moreira, se propõe a criar “um grande espaço cultural” baseado no português, acaba por atrair o olhar de atores externos à mesma. No caso da República Popular da China, esta atenção surge tanto pela via bilateral, como multilateral. As relações históricas que Pequim mantém com Lisboa, através de Macau e do legado de missionários como Tomás Pereira, são tidas como estrategicamente relevantes para uma presença forte dos negócios chineses na União Europeia. Com o Brasil, Angola e Moçambique, a China foi capaz de gerar sinergias que responderam às suas necessidades de crescimento económico. Mesmo que os restantes Estados da CPLP não tenham a mesma dimensão, continuam a ser relevantes para que a República Popular da China seja reconhecida internacionalmente, tendo a legitimidade de se afirmar como única representante do povo chinês. A nível multilateral, o Fórum de Cooperação China-África permite ao governo chinês congregar os líderes africanos, no geral, e dos PALOP em particular. O Fórum Macau, que celebrou 20 anos em 2023, representa a grande aposta que a China tem para os países de língua portuguesa, ou seja, o fortalecimento das trocas comerciais com estes Estados.

Macau, enquanto parte da Área da Grande Baía de Cantão-Hong Kong-Macau, tem um potencial acrescido para fortalecer as relações económicas entre a lusofonia e a China. Trata-se uma plataforma fundamental, plenamente capaz de congregar os interesses comerciais dos membros da CPLP. Ademais, é importante relembrar que a Iniciativa Faixa e Rota, apesar de não ter a mesma pujança que teve nos seus

primeiros anos, continua a representar uma ferramenta narrativa de destaque para China, forjando uma imagem de um Estado responsável que se preocupa em criar mais e melhores infraestruturas e comunicações.

Em todo o caso, o português tem sido peça-chave em todo este processo. Com a entrada da China, em 2001, na Organização Mundial de Comércio e uma cada vez maior presença de Pequim no panorama internacional, o Conselho de Estado chinês entendeu que era necessário reforçar o ensino de línguas estrangeiras. A língua portuguesa, que apenas tinha presença em 3 universidades no ano 2000, encontra-se hoje em mais de 50 instituições de ensino superior, além de escolas em cidades como Xangai ou Chongqing. Presentemente, muitos chineses têm como objetivo viver e trabalhar em países de língua oficial portuguesa. É nesta área que o trabalho do Instituto Português do Oriente é mais evidente. Ao longo dos seus mais de 35 anos de existência, o IPOR tem procurado ser um ponto focal para a língua portuguesa na Ásia. Através da sua atividade letiva e das iniciativas culturais que promove, tornou-se numa referência do contacto entre a China e os países de língua portuguesa. Este seu papel de interlocutor cultural e educativo é, como tal, uma peça potencialmente importante para a CPLP. No entanto, não posso deixar de alertar que o panorama do ensino da Língua Portuguesa tem sofrido grandes alterações, fruto dos interesses estratégicos da China e das próprias condições do seu mercado de trabalho. Com o advento da inteligência artificial, há menos interesse em estudar línguas estrangeiras o que tem obrigado algumas universidades a fechar os seus departamentos de português e outras a reformular a estrutura dos seus cursos. O foco dado às ciências e tecnologia obrigará, inevitavelmente, a uma reflexão profunda de como podem ser criadas oportunidades para o português permanecer uma parte importante da comunicação de Pequim com o mundo lusófono. O IPOR, como consequência, terá a disponibilidade e responsabilidade necessárias para prosseguir esse trabalho de diálogo e de promoção da língua portuguesa, adaptando-se a esta nova realidade em que este idioma por nós partilhado se associa às mais variadas áreas do conhecimento.

Tal não é ficção. A China mantém o interesse em dialogar com cada Estado-membro da CPLP, especialmente no contexto multipolar que hoje se vive, em que a incerteza domina as relações internacionais. Pequim, numa lógica de manutenção de uma

imagem externa mais “benigna”, apenas tem a ganhar com o reforço das suas relações com a CPLP e com os seus membros. Não se trata de uma questão de escolher um lado em detrimento de outro, mas sim de manter um ponto de equilíbrio e de procurar oportunidades que sejam proveitosas para ambas as partes. De uma perspetiva chinesa, cabe à CPLP prosseguir com a abertura necessária para que o contacto com as autoridades de Pequim possa resultar no reforço da presença da língua em território chinês, muito além das fronteiras da Região Administrativa Especial de Macau. Políticas e estratégias a longo prazo, focadas no ensino de Português Língua Estrangeira, são imperativas para que não se perca o elã criado nos últimos 30 anos e possibilitará a projeção de uma imagem de credibilidade e seriedade junto dos governantes da República Popular da China.